

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA

ANAIS

A PSICOLOGIA ANTIRRACISTA E AS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS: QUESTÕES PARA A CLÍNICA

Universidade Estadual de Londrina
Centro de Ciências Biológicas
Departamento de Psicologia e Psicanálise

**ANAIS - A PSICOLOGIA ANTIRRACISTA E AS
RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: QUESTÕES PARA A
CLÍNICA**

Londrina/2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Psicologia Antirracista e as Relações Étnico-Raciais
(10. : 2025 : Londrina, PR)

Anais [livro eletrônico] : a psicologia
antirracista e as relações étnico-raciais :
questões para a clínica / [Maíra Bonafé Sei]. --
1. ed. -- Londrina, PR : Departamento de
Psicologia e Psicanálise, 2025.

PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-989442-0-9

1. Antirracismo 2. Psicologia - Congressos
3. Relações étnico-raciais I. Sei, Maíra Bonafé.
II. Título.

25-312715.1

CDD-150.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia : Congressos 150.6

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

O conteúdo dos resumos é de responsabilidade de seus autores.

Editora Universidade Estadual de Londrina
Revisão e organização Maíra Bonafé Sei
Capa Sabrina Eschiavon Elias

Sumário

Comissões	1
Programação	3
Apresentação.....	5
APRESENTAÇÃO	6
Palestras.....	11
CONSIDERAÇÕES SOBRE A CLÍNICA PSICOLÓGICA FACE ÀS QUESTÕES RACIAIS	12
A PERSPECTIVA NEGRA EM PSICOLOGIA: EPISTEMES E PIONEIRISMO NEGRO .	13
O OLHAR DOS CONSULENTES SOBRE OS IMPACTOS DOS FENÔMENOS RACIAIS NA CLÍNICA PSICOLÓGICA.....	14
A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE JOVENS ASIÁTICOS MESTIÇOS DA REGIÃO DE LONDRINA: NARRATIVAS DE HISTÓRIA DE VIDA	16
O OLHAR DOS TERAPEUTAS SOBRE OS IMPACTOS DOS FENÔMENOS RACIAIS NA CLÍNICA PSICOLÓGICA.....	17
Trabalhos submetidos.....	18
A ESCOLHA DO PARCEIRO ÍNTIMO COMO FERRAMENTA DE EMBRANQUECIMENTO TRANSGERACIONAL EM CASAIS INTERRACIAIS	19
A FILHA PERDIDA, DE ELENA FERRANTE, E MUCURA, DE ADRIANA VAREJÃO: NARRATIVAS DA E SOBRE A MATERNIDADE SOB UM VIÉS PSICANALÍTICO	20
A INFLUÊNCIA DA RACIALIDADE NOS VÍNCULOS: PERSPECTIVAS PARA A PSICANÁLISE DE CASAIS E FAMÍLIAS.....	22
A SUBJETIVAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA EM UMA SOCIEDADE RACISTA: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS	24
ACT CONTRA O RACISMO: UMA REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA	25
AFETIVIDADE E NEGRITUDE: DESESTABILIZANDO PADRÕES ESTRUTURAIS PARA RELAÇÕES AFROCENTRADAS	26
ANTIRRACISMO E O ACOLHIMENTO DA INTERSECCIONALIDADE NA PRÁTICA PSICOLÓGICA.....	27
DA FORMAÇÃO DOCENTE À CLÍNICA: REFLEXÕES SOBRE O LÚDICO EM UMA PSICOLOGIA ANTIRRACISTA	28
ESCRITAS INVISÍVEIS: MULHERES NEGRAS EM PRODUÇÕES CIENTÍFICAS.....	29
ESCUTA ANTIRRACISTA NA PSICOLOGIA CLÍNICA: CLÍNICA EXTRAMUROS A PARTIR DE UM VIÉS INTERSECCIONAL.....	30
PERSPECTIVAS PARA UMA PSICANÁLISE ANTIRRACISTA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	32

POR UMA PSICOLOGIA ATERRADA: OS TERREIROS COMO TERRITÓRIOS DE CUIDADO E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL E INTEGRAL DA POPULAÇÃO NEGRA	34
PRÁTICAS CULTURAIS ANTIRRACISTAS: O HIP-HOP ENQUANTO MEIO DE REFLEXÃO PARA UMA CLÍNICA AMPLIADA	35
QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: ANÁLISE DOS CURRÍCULOS DO CURSO DE PSICOLOGIA DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ.....	37
QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO RAP: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA	38
VIOLÊNCIA E SUBJETIVAÇÃO: ARTICULAÇÕES ENTRE FREUD E FANON.....	39

Comissões

Comissões

COORDENAÇÃO GERAL

Hernani Pereira dos Santos

Maíra Bonafé Sei

COMISSÃO ORGANIZADORA

Emanuelly Barbalho da Silva

Sabrina Eschiavon Elias

COMISSÃO CIENTÍFICA

Hernani Pereira dos Santos

Maíra Bonafé Sei

AVALIAÇÃO DE PÔSTERES

Danielle Maiumi Gonçalves Nagasawa

Hernani Pereira dos Santos

Laura Barbosa Belkiman

EQUIPE DE MONITORES

Adrielli Dias do Prado

Emanuelly Barbalho da Silva

Maria Luiza do Prado Teixeira

Maria Raquel de Camargo Monção

Sabrina Eschiavon Elias

Programação

Programação

23 de outubro de 2025

14:00 às 18:00

Mesa 1

Considerações sobre a Clínica Psicológica face às questões raciais

Palestrantes:

Ana Letícia Alves Moraes

Hernani Pereira dos Santos

Mediadora:

Josilene Aparecida Schimiti

Mesa 2

**Olhares do psicoterapeuta e do sujeito em psicoterapia sobre as questões raciais:
retratos da pesquisa**

Palestrantes:

Hugo Vitor Mendonça da Costa

Laura Barbosa Belkiman

Danielle Maiumi Gonçalves Nagasawa

Mediadora:

Barbara Rial de Matos

Apresentação

APRESENTAÇÃO

Hernani Pereira dos Santos¹

“Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista” - Angela Yvonne Davis.

As políticas de ações afirmativas no ensino superior transformaram o palco institucional das universidades nas últimas décadas, como sublinhou Mariléa de Almeida (2020). Oriunda de um compromisso social com as elites brancas e com os seus privilégios materiais e simbólicos, a “Torre de Marfim”, signo do fechamento e distanciamento institucional da universidade ao exterior e ao diferente, nada mais indica, nesse contexto, do que uma “torre substancializada do passado”, conforme concluiu Fanon (1952/2020) em seu livro *“Pele negra, máscaras brancas”*. Afinal, a política econômica do extrativismo e das *plantations* na América Latina e no Brasil, das quais a escravidão e o racismo são as principais consequências, deixa também como herança uma “psicologia do europeu consciente, introspectivo, interessado, calculador, processador de informação, pragmático, assertivo, hedonista, consumista, competitivo, empoderado, centrado sobre o seu Eu e aferrado à sua própria interioridade, identidade e personalidade” (Pavón-Cuellar, 2017, p. 21). Essa psicologia suplanta e invisibiliza, é verdade, a Psicologia das majorias latino-americanas, isto é, dos povos originários, indígenas e africanos. “O mundo interno europeu”, complementa Pavón-Cuellar (2017, p. 21), “está mobiliado e decorado com o produto da exploração de outros mundos”. E nós, brasileiros e brasileiras, aprendemos a mobiliar e decorar o ensino e a prática em Psicologia com os instrumentos e os objetos dessa visão colonizadora, reproduzindo-a institucionalmente e subjetivamente.

Diante disso, será necessário contrapor à “Torre de Marfim” uma “Torre de Ébano”? Ou, pelo contrário, trata-se de criar alternativas que permitam uma afirmação da vida comunitária e da diferença, mediante o reconhecimento de nossa vulnerabilidade e singularidade e abertura à hospitalidade, como sugere o filósofo camaronês Achille Mbembe (2025)? Seguindo as reflexões de Mariléa de Almeida (2020), podemos dizer que as transformações acadêmicas e epistemológicas envolvem dois processos simultâneos que caminham nessa última direção, embora coloquem questões inevitáveis sobre como agir. Por

¹ Universidade Estadual do Ceará. E-mail: hernanips@msn.com

um lado, trata-se da presença corpórea e real de corpos negros na composição efetiva do “corpo docente”, fazendo-nos pensar na importância das políticas afirmativas também para concursos públicos e de sua representatividade e performatividade nesse palco. Por outro lado, trata-se de trazer à presença epistemológica saberes, perspectivas e vozes frequentemente silenciadas e invisibilizadas nas discussões em sala de aula, nos currículos e, por conseguinte, na institucionalização da ciência e da profissão em Psicologia.

É verdade que a sedimentação histórica do processo de exclusão dessas corporalidades e epistemologias tende a produzir, para os acadêmicos negros e as acadêmicas negras, não-brancos e não-brancas, um sentimento de inadequação e de não-pertencimento acadêmico. Trata-se de uma forma de sofrimento ético-político enraizada na vivência institucional da academia. De acordo com Sawaia (2001), o sofrimento ético-político é uma categoria analítica para o estudo das exclusões. Segundo a autora, as diversas formas de exclusão social manifestam, para o sujeito excluído, também vivências de sofrimento. Em suas palavras: “ao falar de exclusão, fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade ao mesmo tempo que de poder, de economia e de direitos sociais” (Sawaia, 2001, p. 98). Para os sujeitos brancos, pelo contrário, o que se destaca são o sentimento de autoconfiança e a crença na universalidade de sua própria identidade, experiência e desejo, os quais são assegurados por uma série de mecanismos e privilégios institucionais e estruturais (McIntosh, 1988/2020). Para a filósofa feminista Sara Ahmed (2007), esse arranjo institucional estrutura a nossa experiência espacial-social-sensorial. Conforme suas palavras: “Não ser branco é não ser estendido pelos espaços que você habita” (Ahmed, 2007, p. 163). Isso significa dizer que o arranjo do mundo diz respeito a como podemos transitar pelo espaço sem sermos temidos ou alvejados, a como podemos desenvolver ou aplicar um conhecimento que adquirimos sem sermos questionados sobre nossa competência, enfim, diz respeito à possibilidade de sermos reconhecidos como seres humanos dignos de respeito e de confiança. Porém, nem sempre essa é uma realidade reconhecida e validada institucionalmente.

De acordo com Silvio Almeida (2019), o racismo à brasileira tende a envolver uma lógica de negação do racismo vivido pelas populações afro-brasileira e afro-indígenas e de exaltação da democracia racial. O problema dessa lógica é que ela é falsa e mascara a realidade social e econômica que subjaz e estrutura as nossas sociabilidades concretas, os nossos modos de pensar, sentir e agir. É necessário considerar que o racismo brasileiro é estrutural. Isso significa dizer que ele produz as concepções e práticas institucionais que, por sua vez, moldam

e definem as trajetórias de vida de indivíduos e de grupos sociais. Dessa forma, é preciso superar uma visão individualista do racismo, segundo a qual ele consistiria em um desvio de caráter ou uma patologia, para construir uma prática verdadeiramente antirracista, conforme a epígrafe citada de Angela Davis. Envolve, portanto, reconhecer que a supremacia branca depende de arranjos institucionais e da “formulação de regras e imposição de padrões sociais que atribuem privilégios aos brancos ou a grupos raciais específicos” (Almeida, 2019, p. 35), ao mesmo tempo em que prejudica e desprivilegia a população negra e originária. Colocar o racismo estrutural em destaque implica considerar que a ordem social está fundada em uma conjuntura de conflitos políticos, jurídicos e econômicos que produz cultura e ideologia, desaguando os seus efeitos sistemáticos, de privilégios, violência e exclusão, no tecido social pelas vias institucionais, que são dela reprodutoras. Em uma fórmula sintética, Almeida (2019) afirma: “as instituições são racistas porque a sociedade é racista” (p. 36). Então, como criar condições para a hospitalidade nas instituições?

A Universidade e a Clínica são tratadas aqui como instituições que tendem a reproduzir o racismo estrutural, produzindo, em seu cotidiano, diferentes formas de exclusão. Porém, deve-se reconhecer que também podem haver, nelas, espaços para a mobilização e a construção de caminhos alternativos, verdadeiramente aquilombados, desde que consigamos encontrar as suas brechas. Emiliano Camargo David (2024) propôs a ideia de aquilombação para nos comunicar a possibilidade de formação de laços de reconhecimento e de suporte mútuo no interior dos arranjos institucionais. Ele se inspira em autores como Abdias Nascimento (1980) e Beatriz Nascimento (1985), autora que define, poeticamente, o quilombo como “uma possibilidade nos dias de destruição”. Historicamente, os quilombos foram espaços de segurança para os escravos e fugitivos transitarem e permanecerem (Nascimento, 1980; 1985) e para operarem trocas com outros sujeitos subalternizados e marginalizados e em regime de fugitividade (Moten; Harney, 2024). Ao mesmo tempo, a resistência quilombola transmite a ideia da resistência epistêmica contra a colonialidade do ser, do poder e do saber pela elaboração de novos códigos, a transmissão de outros conhecimentos, a afirmação de outros modos de relação e de cuidado e de sua humanidade. Nas palavras de Françoise Vergès (2020, p. 50): “Seus sonhos, suas esperanças, suas utopias, e mesmo os motivos de suas derrotas, permanecem espaços de onde se pode tirar um pensamento de ação”. Com isso, podemos ler e compreender os arranjos aquilombados como permitindo linhas de fuga, refúgios, santuários ou contra-espços de afirmação das corporeidades, coletividades e epistemologias negras, afrobrasileiras e indígenas e o enfrentamento dos efeitos negativos do racismo

institucionalizado. É pela infiltração desses arranjos nos espaços institucionais consagrados à branquitude - no currículo, na sala de aula, na prática clínica - que podemos pensar na concretização de uma Psicologia Antirracista.

Voltando a Mariléa de Almeida, podemos compreender que se colocam, então, dois desafios principais para essa concretização:

Para a intelectualidade branca, a tarefa exige análises sobre os seus processos de racialização, sondando como eles moldaram seus desejos, linguagem, cognição e afetos. É preciso ter coragem de assumir, sem subterfúgios, os privilégios, as implicações e as responsabilidades de ser uma pessoa branca em um mundo racista. Para nós, pessoas negras, a tarefa é o de lutar contra a sedução do branqueamento acadêmico e o desejo de ser reconhecido nos termos de uma racionalidade colonizadora, violenta e competitiva. (De Almeida, 2020, p. 48).

É pelo caminho desses desafios e da afirmação dos arranjos aquilombados que o evento “*A Psicologia Antirracista e as Relações Étnico-Raciais: Questões para a Clínica*”, promovido pelo departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina, constrói a sua proposta. Afinal, trata-se de um espaço compartilhado para a afirmação de outras epistemologias e modos de fazer a Clínica e a Universidade, bem como para salvaguardar existências plurais e de escutar as suas vozes e experiências.

Referências

AHMED, S. A phenomenology of whiteness. **Feminist Theory**, v. 8, n. 2, pp. 149-168, 2007. <https://doi.org/10.1177%2F1464700107078139>

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2019.

DAVID, E. C. **Saúde mental e relações raciais:** desnorteamento, aquilombação e antimanicolonialidade. São Paulo: Perspectiva, 2024.

DE ALMEIDA, M. Corporeidades negras em risco: o racismo acadêmico e seus afetos. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 25, p. 42-50, 2020.

FANON, F. (2020). **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: UBU. (Trabalho originalmente publicado em 1952).

MBEMBE, A. **Democracia como comunidade de vida**. São Paulo: N-1 Edições, 2025.

MCINTOSH, P. White privilege and male privilege: A personal account of coming to see correspondences through work. In: WEEKES, K. (Ed.). **Privilege and prejudice: Twenty years with the invisible knapsack**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2020. (Trabalho originalmente publicado em 1988).

MOTEN, F.; HARNEY, S. **Sobcomuns: Planejamento fugitivo e estudo negro**. Ubu Editora, 2024.

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Petrópolis: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, B. M. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Afrodiáspora**, 3 (6/7), pp. 41-49, 1985.

PAVÓN-CUELLAR, D. Capitalismo y psicología en la historia latino-americana: esbozo de recapitulación histórica para proyectos liberadores anticapitalistas. In: PAVÓN-CUELLAR, D. (Coord.). **Capitalismo y psicología crítica en Latinoamérica: del sometimiento neocolonial a la emancipación de subjetividades emergentes**. Ciudad del México: Kanankil, 2017, pp. 17-46.

SAWAIA, B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001, pp. 97-118.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. Trad. Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Palestras

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CLÍNICA PSICOLÓGICA FACE ÀS QUESTÕES RACIAIS

Ana Letícia Alves Morais²

Resumo:

O Brasil, constituído a partir de um processo colonizador escravocrata, carrega em sua formação marcas profundas de violência, exclusão e marginalização das populações negras e indígenas. Foi o país com maior número de pessoas escravizadas vindas do continente africano e o último das Américas a abolir formalmente a escravidão (Moura, 2020). No entanto, como aponta Nascimento (2019), a abolição não representou o fim das práticas de exclusão. Pelo contrário, ideologias eugenistas e higienistas persistiram no imaginário e na estrutura social, destinando essas populações à marginalização e à invisibilidade. Esse cenário influenciou diretamente as políticas de saúde mental, nas quais a Psicologia, em vez de atuar como ferramenta de cuidado, muitas vezes foi usada para sustentar lógicas de controle social, como o encarceramento de pessoas negras e outros considerados indesejáveis nos manicômios. Diante disso, torna-se urgente questionar: qual o impacto dessa história na produção de saúde mental da população negra? E quais os efeitos desse passado nos tratamentos de saúde oferecidos até os dias de hoje? Como afirma Nascimento, “quem não tem presente, não tem passado e nem poderá ter futuro” (2019, p. 113). Relembrar esse passado não é apenas um exercício de memória, mas um compromisso ético com a transformação da realidade. É reconhecer que práticas psicológicas comprometidas com a equidade racial devem considerar os atravessamentos estruturais que moldam as vivências da população negra no Brasil, comprometendo-se com a erradicação do racismo.

Palavras-chave: psicologia racializada; psicologia antirracista; racismo.

² Mestranda em Psicologia pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: alvesmorais12@gmail.com

A PERSPECTIVA NEGRA EM PSICOLOGIA: EPISTEMES E PIONEIRISMO NEGRO

Hernani Pereira dos Santos³

Resumo:

Este trabalho apresenta a perspectiva negra em Psicologia como um movimento histórico, epistemológico e político de contestação ao universalismo eurocêntrico que moldou a historiografia da disciplina no Brasil. Enquanto a história oficial da Psicologia privilegia narrativas hegemônicas, as contribuições de intelectuais negras e negros foram sistematicamente invisibilizadas. A partir de uma leitura crítica inspirada em autores pós-coloniais, defendemos que a produção de conhecimento sempre foi situada, marcada por relações de poder e pela colonialidade do saber. A emergência de uma epistemologia negra insere contranarrativas e práticas de resistência que operam no espaço da diferença colonial – locus de enunciação de sujeitos subalternizados que constroem saberes contra-hegemônicos. Serão citadas experiências e obras como as de Virgínia Bicudo, de Juliano Moreira, de Guerreiro Ramos, de Neusa Santos Souza e outras figuras que constituem os alicerces da Psicologia negra brasileira. Essas trajetórias conectam-se a movimentos globais, como os Black Studies nos Estados Unidos e as elaborações contracoloniais na África. A epistemologia negra se diferencia por afirmar a experiência vivida como critério de validade, centralizar o diálogo, valorizar a ética do cuidado e a responsabilidade social, rompendo com modelos positivistas de validação científica. A luta por visibilidade e transformação também se expressa institucionalmente, através de organizações como o Instituto AMMA Psique e Negritude, o CEERT, a ABPN e a ANPSINEP. Essas redes evidenciam que a perspectiva negra na Psicologia propõe um deslocamento do centro, o recentramento das experiências negras, o reconhecimento das trocas afrodiaspóricas e a construção uma história descentrada, plural e situada.

Palavras-chave: clínica antirracista; epistemologia; historiografia; perspectiva negra; psicologia social crítica.

³ Universidade Estadual do Ceará. E-mail: hernanips@msn.com

O OLHAR DOS CONSULENTES SOBRE OS IMPACTOS DOS FENÔMENOS RACIAIS NA CLÍNICA PSICOLÓGICA

Hugo Vitor Mendonça da Costa⁴

Hernani Pereira dos Santos⁵

Resumo:

Este trabalho investiga como consulentes percebem e são afetados pela presença de vieses raciais na relação terapêutica, buscando compreender de que forma a identidade racial e as estruturas sociais influenciam o processo clínico. Adotou-se uma metodologia qualitativa de base fenomenológica e narrativa, com entrevistas realizadas com 15 participantes que haviam passado por experiências psicoterapêuticas. A análise das narrativas possibilitou identificar dois padrões centrais: “cegueira de cor racial” e “mascaramento de identidade racial”. O primeiro diz respeito à negação da relevância das questões raciais, frequentemente justificada por discursos universalistas ou igualitários que desconsideram as desigualdades estruturais. O segundo se refere à tentativa de ocultar ou minimizar a própria identidade racial, muitas vezes como estratégia de adaptação a contextos dominados por perspectivas brancas. Ambos os fenômenos revelam a persistência de formas sutis de racismo nas práticas clínicas e destacam a necessidade de formação profissional que contemple a sensibilidade cultural e racial. Conclui-se que o reconhecimento dos vieses raciais e o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva por parte dos profissionais da psicologia são fundamentais para uma clínica ética, inclusiva e efetivamente antirracista.

Palavras-chave: vieses raciais; psicologia clínica; identidade racial; cegueira de cor racial; mascaramento de identidade racial.

Referências

- ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- MAZZOCCO, P. J. **The Psychology of Racial Colorblindness**. New York: Palgrave Macmillan, 2017.
- MOODLEY, R. (Re)placing multiculturalism in counselling and psychotherapy. **British Journal of Guidance & Counselling**, v. 35, n. 1, p. 1–22, 2007.
- NEVILLE, H. A. et al. Color blindness and racism: A multi-group investigation. **Journal of Counseling Psychology**, v. 65, n. 4, p. 394–401, 2018.
- SANTOS, H. P. Raça, racismo e clínica fenomenológico-existencial: elementos para a decolonização da atenção clínica. **Revista do NUFEN**, v. 13, n. 3, p. 75–89, 2021.

⁴ Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, Câmpus Londrina. E-mail: hugvitor.dg@gmail.com

⁵ Professor orientador. E-mail: hernanips@msn.com.

SUE, D. W. **Microaggressions in Everyday Life: Race, Gender, and Sexual Orientation.** Hoboken: John Wiley & Sons, 2010.

A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE JOVENS ASIÁTICOS MESTIÇOS DA REGIÃO DE LONDRINA: NARRATIVAS DE HISTÓRIA DE VIDA

Danielle Maiumi Gonçalves Nagasawa⁶

Hernani Pereira dos Santos

Resumo:

O estudo teve como objetivo compreender o processo de construção da subjetividade de jovens mestiços asiáticos da região de Londrina, analisando a influência da descendência do leste asiático em suas identidades. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter narrativo, fundamentada em entrevistas semiestruturadas com participantes de 18 a 25 anos. As entrevistas, realizadas virtualmente, foram analisadas por meio da técnica de análise de discurso. Observou-se que aqueles com maior contato com a cultura de origem apresentaram maior consciência sobre sua descendência, bem como uma postura crítica em relação a estereótipos. E possuíam maior clareza para explicar sobre o seu processo de subjetivação. Em contrapartida os participantes com menor envolvimento cultural, tenderam a reproduzir tais estereótipos de forma naturalizada. Relatos de microagressões, fetichização e racismo recreativo foram recorrentes. Muitos desses fenômenos refletem a representação limitada de asiáticos na mídia e a falta de letramento racial, que foram apontadas como fatores que dificultam o fortalecimento identitário. Conclui-se que a racialização e os aspectos culturais desempenham papéis cruciais na formação da subjetividade dos jovens entrevistados. Isso se deve tanto à sua internalização de maneira positiva quanto à maneira como a sociedade lida e propaga narrativas sobre esse grupo. É fundamental enfatizar a importância de expandir a discussão acerca das relações étnico-raciais, incluindo os descendentes do leste asiático no Brasil, e de fomentar uma Psicologia atenta à diversidade cultural e às particularidades dessas vivências.

Palavras-chave: identidade; descendência asiática; subjetividade; estereótipos; microagressões.

⁶ Email: danielle.g.nagasawa@outlook.com

O OLHAR DOS TERAPEUTAS SOBRE OS IMPACTOS DOS FENÔMENOS RACIAIS NA CLÍNICA PSICOLÓGICA

Laura Barbosa Belkiman⁷

Hernani Pereira Dos Santos

Resumo:

A história de colonização do Brasil foi marcada pela aniquilação de povos e saberes não europeus, perpetuando até hoje uma lógica eurocêntrica que influencia as produções científicas e a constituição de uma psicologia colonizada. A formação acadêmica em psicologia no país reproduz modelos europeus, distantes da realidade social e racial brasileira (Costa; Torres; Grosfoguel, 2020). Diante disso, torna-se essencial discutir as questões raciais como parte da prática clínica, ampliando a consciência social, cultural e subjetiva dos profissionais. Esta pesquisa teve como tema o olhar dos terapeutas sobre os impactos dos fenômenos raciais na clínica psicológica, buscando compreender como percebem e são afetados pela presença de vieses raciais na relação terapêutica. Fundamentada em autores da psicologia decolonial, a pesquisa evidenciou a importância de reconhecer o sofrimento causado pelo racismo como fenômeno cultural que atravessa a construção da identidade e da subjetividade. Utilizou-se o método qualitativo narrativo, analisando os significados atribuídos pelos terapeutas às suas experiências. Participaram profissionais com mais de dois anos de formação, atuantes na clínica e autodeclarados em identidade racial. As entrevistas, realizadas via Microsoft Teams, foram analisadas a partir das categorias: racismo, identidade racial, branquitude, relações raciais e formação acadêmica. Os resultados revelam dificuldades na identificação racial, a cegueira racial presente na branquitude e uma formação acadêmica despreparada para lidar com fenômenos raciais. Conclui-se que é necessário promover uma formação que reconheça as questões raciais como parte constitutiva do sujeito e do processo terapêutico.

Palavras-chave: fenômenos raciais; subjetividade; clínica psicológica.

Referências

COSTA, Joaze; TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

⁷ E-mail: laubelkiman22@gmail.com

Trabalhos submetidos

A ESCOLHA DO PARCEIRO ÍNTIMO COMO FERRAMENTA DE EMBRANQUECIMENTO TRANSGERACIONAL EM CASAIS INTERRACIAIS

Ananda Flora de Oliveira Ribeiro⁸

Guilherme Caetano da Silva⁹

Jefferson Olivatto da Silva¹⁰

Resumo:

Este estudo trata sobre a discussão psicossocial da literatura a respeito de casais interraciais, trazendo como instrumento metafórico de análise a obra “A redenção de Cam” (1895). A cena simboliza o alívio da matriarca ao testemunhar o embranquecimento transgeracional. Dessa maneira, constata-se que o processo de embranquecimento pós-abolição, enquanto ideologia política brasileira na Primeira República, foi alimentada por ações de incentivo da imigração europeia para o Brasil, mas também, narrativas e práticas sociais de exclusão da negritude, desde o acesso a direitos sociais (educação, moradia e trabalho) de forma ampla até a proposição de uma suposta democracia racial. No caso do Paraná, essas ações convergiram no denominado Movimento Paranista, excluindo a presença negra, indígena e portuguesa e enaltecendo os demais imigrantes europeus (italianos, poloneses, ucranianos, franceses e ingleses). Para além do higienismo e da hierarquização racial, as memórias traumáticas de violências raciais no cotidiano de pessoas negras reforçam a ideia do embranquecimento como estratégia de sobrevivência. Na discussão, esse processo interracial nos casais demonstra ser um momento de confluência tanto na família extensa quanto no núcleo familiar. Se de um lado, o relacionamento com pessoa branca pode trazer uma pretensa redenção de seus futuros filhos, ou até para si, como licença social de pertencimento à branquitude, por outro observa-se o quanto as relações apresentam tratamentos desiguais no contexto intrafamiliar (inclusive em questões de herança), como a persecutoriedade entre os filhos de quem é mais ou menos branco.

Palavras-chave: racismo estrutural; embranquecimento; casal interracial; identidade racial; miscigenação.

⁸ Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: anandafloraribeiro@gmail.com

⁹ Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: guilhermecaetano.psi@gmail.com

¹⁰ Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: jeffolivattosilva@uel.br

A FILHA PERDIDA, DE ELENA FERRANTE, E MUCURA, DE ADRIANA VAREJÃO: NARRATIVAS DA E SOBRE A MATERNIDADE SOB UM VIÉS PSICANALÍTICO

Lorena Ciappina Laffranchi¹¹

Ellen Mariany da Silva Dias¹²

Resumo:

As ambivalências presentes na representação materna no romance *A filha perdida* (2006), de Elena Ferrante, e na obra *Mucura* (2023), de Adriana Varejão, merecem uma análise correlacional, já que refletem sobre a maternidade e os papéis sociais, abordando as tensões entre desejo, culpa e as expectativas. O destaque para a ancestralidade indígena da fertilidade surge na obra *Mucura* (2023), de Varejão, a qual está relacionada à experiência da artista com o povo Yanomami e a complexa cosmologia entre humanos e não-humanos. Varejão retrata o seu próprio corpo grávido fundido à cabeça de uma mucura, um gambá amazônico, notável por sua alta reprodução. Essa fusão artístico-animalesca explora a potência reprodutiva das fêmeas, contrastando com as pressões culturais sobre o corpo feminino, retomando a ancestralidade. Nossa hipótese é a de que a conexão com o desejo e o dever feminino para a psicanálise de Freud reside na maneira como essa fusão entre o humano e o instintivo permite uma reflexão sobre as controvérsias psíquicas. Assim, a tese psicanalítica de Freud, é mobilizada para entender a dinâmica estruturada pelo conflito constante entre os desejos inconscientes e as normas sociais. Dessa forma, a potência da fêmea em *Mucura* dialoga com o desejo feminino de liberdade, que na protagonista de Ferrante entra em conflito com o dever imposto de ser uma mãe abnegada, reflexo do patriarcado. Portanto, a partir de uma análise comparativa, visa-se compreender como a literatura e as artes visuais se relacionam com a psicanálise ao tratar da maternidade em uma perspectiva intermédias.

Palavras-Chave: feminino; ancestralidade; psicanálise.

Referências:

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo – 1 e 2**. 5. ed. Trad. S. Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

FIGUEIREDO, Camila A. P.; OLIVEIRA, Solange Ribeiro; DINIZ, Thais Flores Nogueira (Orgs.). **A intermedialidade e os estudos interartes na arte contemporânea**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2020. p. 11-14.

FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité 3: Le souci de soi*. In: FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 6. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

¹¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: lorena.ciappina@uel.br

¹² Professora Doutora junto à Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: ellenmariany@uel.br

FONTENELE, Laérea. Freud, o feminismo e as transformações da representação do corpo da mulher. In: CÂMARA VALE, Alexandre Fleming; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva (Org.). **Estilísticas da Sexualidade**. 1. ed. Campinas: Pontes, 2006. v. 1, p. 85-94.

FREUD, Sigmund. **Eu e o Id**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PARKER, Rozsika. A criação da feminilidade. In: MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND; PEDROSA, A. et al. (Orgs.). **Histórias das mulheres, histórias feministas**: antologia. São Paulo: MASP, 2019. p. 95-105.

VAREJÃO, Adriana. **Adriana Varejão**: entre carnes e mares = Between flesh and oceans. Organização Isabel Diegues; versão para o inglês Stephen Berg. Rio de Janeiro: Cobogó, 2009.

A INFLUÊNCIA DA RACIALIDADE NOS VÍNCULOS: PERSPECTIVAS PARA A PSICANÁLISE DE CASAIS E FAMÍLIAS

Barbara Rial de Matos¹³

Victória Guido Rocha¹⁴

Maíra Bonafé Sei¹⁵

RESUMO

Objetiva-se discorrer algumas considerações sobre as questões étnico-raciais no contexto clínico psicanalítico de casais e famílias, o qual visa o trabalho com o vínculo, um mundo simbólico compartilhado onde se constrói um fazer entre sujeitos que é atravessado pelo mundo intrapsíquico de cada um e pelas representações socioculturais em que estes se inserem (Weissmann, 2022). Assim, questões étnico-raciais, que constituem o laço social e operam na condição material e na constituição subjetiva (Faustino, 2019; Souza, 2021[1983]) - no Brasil, calcadas no mito de democracia racial e na ausência de reparação das consequências violentas de hierarquia racial, desumanização e opressão de determinados sujeitos -, podem configurar-se como um operador nas dinâmicas familiares à medida em que atravessam representações simbólicas, de si e do outro, e o local simbólico compartilhado. Nesse sentido, as configurações vinculares visadas no trabalho clínico podem envolver significados de raça que reproduzem processos de racialização estratificantes e violentos, gerando condições de adoecimento, ou delinear meios de modificação dessas representações, contribuindo no desenvolvimento de relações que consideram a alteridade, configurando tal temática como um importante atravessamento da prática psicanalítica vincular (Schucman, 2023; Lima; Magalhães; De Matos, 2023). A abordagem de tal questão, no entanto, ainda se demonstra um desafio a ser empreendido, tanto na dimensão clínica, quanto metodológica e epistemológica que a sustenta (Costa; Fernandes, 2023), dado a emergência apenas atual do tema no campo psicanalítico e a escassez de referenciais, o que demonstra a urgência de pensar um compromisso clínico e de pesquisa com os atravessamentos do racismo nos vínculos.

Palavra-chave: psicanálise; racialidade; vínculo.

REFERÊNCIAS

COSTA, E. S.; FERNANDES, M. I. A. As marcas do racismo nas famílias e nos grupos. **Percurso**, São Paulo, Brasil, v. 35, n. 70, p. 27–34, 2023. Disponível em: <https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/1423>. Acesso em: 17 out. 2025.

FAUSTINO, D. O mal-estar colonial: racismo e o sofrimento psíquico no Brasil. **Clínica & Cultura**, v. 8, n. 2, p. 82-94, dez. 2019. Disponível em:

¹³ Psicóloga pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: barbara.rialm@gmail.com

¹⁴ Psicóloga pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: victoriaguidorocha@gmail.com

¹⁵ Professora Associada junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: mairabonafe@uel.br

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-25092019000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2025.

LIMA, C. H. A. ; MAGALHÃES, A. S. ; MATOS, M. G. Conjugalidade inter-racial e racismo: alteridade à flor da pele. **Percurso**, v. 35, n. 71, p. 17–28, 2023. Disponível em: <https://percurso.openjournalsolutions.com.br/index.php/ojs/article/view/1440>. Acesso em: 15 out. 2025

SCHUCMAN, L.V. **Famílias inter-raciais**: tensão entre cor e amor. São Paulo: Fósforo, 2023.

SOUZA, N. S. **Tornar-se Negro**: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

WEISSMANN, L. Quando o paciente é o vínculo. In: Pennacchi, R.; Thorstensen, S. (org). **Psicanálise de Casal e Família: uma introdução**. São Paulo: Blucher, 2022. p. 67-82.

A SUBJETIVAÇÃO DA CRIANÇA NEGRA EM UMA SOCIEDADE RACISTA: CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS

Rafaela Valentini Ortega Ruiz¹⁶

Maíra Bonafé Sei¹⁷

Resumo:

Por muito tempo, a psicanálise foi acusada de negligenciar o contexto social ao delinear estudos sobre o desenvolvimento infantil e os processos de subjetivação. Tais colocações são infundadas, uma vez que o impacto dos fatores socioculturais na construção da identidade é reconhecido desde Freud, e reforçado por autores como D.W. Winnicott. A psicanálise reconhece que a cultura exerce sua influência por toda a vida do indivíduo, especialmente durante a infância, acompanhando o sujeito desde suas primeiras interações com o mundo externo. A despeito do reconhecimento da importância do contexto social no desenvolvimento psíquico, as considerações sobre as questões étnico-raciais têm sido mais destacadas na atualidade. Ao se ponderar o contexto das relações étnico-raciais, observa-se que as experiências da criança negra são atravessadas por heranças do racismo e discriminação. A dificuldade em achar boas figuras de identificação na cultura, os sentimentos de inferioridade devido à internalização da ideologia branca e os ataques racistas incompreensíveis ao self infantil são exemplos de situações encontradas pela criança negra que ameaçam o usufruto de um ambiente “suficientemente bom” e geram marcas em sua identidade. Além disso, a própria parentalidade também é afetada pelas vivências raciais dos genitores, cujos traumas e feridas narcísicas serão revividos e atualizados no cuidado com a criança. A psicanálise ressalta a importância e o dever social de proporcionar à criança negra um ambiente acolhedor e seguro, onde ela possa explorar construir um self criativo e integrado, apesar das violências históricas que tentam negá-la.

Palavras-Chave: psicanálise; racismo; infância.

Referências

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. Edição organizada por Marcos Chor Maio. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

PODKAMENI, A. B., GUIMARÃES, M. A. C. Afrodescendência, Família e Prevenção. In: MELLO FILHO, Julio de; BURD, Miriam (organizadores). **Doença e família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 123 – 139.

¹⁶ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: rafavalentiniruiz@gmail.com

¹⁷ Professora Associada junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: mairabonafe@uel.br

ACT CONTRA O RACISMO: UMA REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA¹⁸Marcello Christiano Gorla Junior¹⁹**Resumo:**

Esta revisão bibliográfica teve o objetivo de identificar possíveis contribuições da Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) no combate ao racismo. Foram pesquisados trabalhos publicados de 2000 a 2025, na plataforma de busca Google Acadêmico e nas bases de dados PubMed, SciELO, Periódicos CAPES, APAPsycNet, ScienceDirect e Wiley Online Library. Os critérios de inclusão foram: a) ser um estudo publicado; b) ter como principal temática possíveis contribuições da ACT no combate ao racismo e; c) ter os descritores “terapia de aceitação e compromisso” e “racismo” nos títulos ou resumos. No total, foram identificados oito trabalhos, sendo esses sete artigos e um livro que trata especialmente sobre o tema. Dois trabalhos são de origem brasileira, ambos artigos, um teórico e um empírico. Os artigos nacionais foram publicados entre 2019 e 2025, indicando ser uma área de estudos com desenvolvimento recente no país. A partir dos estudos encontrados, conclui-se que a ACT apresenta contribuições importantes para o combate ao racismo na clínica, principalmente ao promover flexibilidade psicológica para diminuição da opressão racial internalizada. No entanto, poucos estudos brasileiros têm sido realizados sobre esse tema, tornando necessário o desenvolvimento de mais pesquisas que busquem atender às necessidades idiossincráticas das minorias étnicas do país.

Palavras-chave: terapia de aceitação e compromisso; racismo; revisão bibliográfica.

¹⁸ Marcello Christiano Gorla Junior recebe bolsa de iniciação científica do CNPq.

¹⁹ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: marcello.christiano@uel.br

AFETIVIDADE E NEGRITUDE: DESESTABILIZANDO PADRÕES ESTRUTURAIS PARA RELAÇÕES AFROCENTRADAS

Júlia Lise Lucachevi Camargo²⁰

Ananda Flora de Oliveira Ribeiro²¹

Graziela Soares dos Santos²²

Danilo Mulari Paiva Antonio²³

Maíra Bonafé Sei²⁴

Resumo:

O pesquisador Isaías Neves Barbosa Paixão, em sua dissertação de mestrado, alega que a idealização do amor romântico consiste em uma lógica embranquecida, a qual possui regras e acordos que não contemplam realidades afrodescendentes. Este modelo de relacionamento é estruturalmente imposto de modo a tornar-se um destino previsível a qualquer indivíduo presente na sociedade. Como consequência, pode-se esperar a falta de referências de afetividades negras, e seus modos culturais e ancestrais de estabelecerem afetos, fragmentando, desta maneira, as identidades plurais evidenciando o apagamento dos costumes afrodescendentes. Neste sentido, acerca das diferentes vivências raciais, compreende-se que existe uma negação de certas realidades ao hierarquizar apenas uma forma de afetividade para a diversidade de povos existentes na humanidade. Partindo deste pressuposto, considera-se que o padrão de relacionamentos predominante faz parte de uma lógica capitalista que se sustenta por meio de priorizações e marginalizações que ocasionam, neste caso, tanto o privilégio da branquitude, quanto o preconceito direcionados a pessoas negras. Envolvendo este contexto, a psicóloga guaraní Geni Núñez, apresenta, em seu livro, a possibilidade de descolonizar os modos de afetividades cotidianas, a partir do conhecimento das violências estruturais existentes nos relacionamentos advindas dos acordos pré-estabelecidos. A autora propõe a flexibilidade dos afetos evidenciando os parceiros afetivos-sexuais ao invés das normas de exclusividade afetiva presentes nestas relações. Isto significa que há maneiras de relacionamentos que colocam ênfase nos sujeitos presentes, considerando desejos e vontades pessoais, cultura, contextos e vivências de cada indivíduo tornando mais favorável, também, os afetos afrocentrados.

Palavras Chaves: negritude; afetividade; monogamia.

²⁰ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: julialise.camargo@outlook.com

²¹ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: ananda.ribeiro@uel.br

²² Universidade Estadual de Londrina. E-mail: grazielasoares.psi@gmail.com

²³ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: psi.danilomulari@gmail.com

²⁴ Professora Associada junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: mairabonafe@uel.br

ANTIRRACISMO E O ACOLHIMENTO DA INTERSECCIONALIDADE NA PRÁTICA PSICOLÓGICA

Ananda Flora de Oliveira Ribeiro²⁵

Júlia Lise Lucachevi Camargo²⁶

Graziela Soares dos Santos²⁷

Mayara Yukari Ogata²⁸

Maíra Bonafe Sei²⁹

Resumo:

Este trabalho busca discutir, através de narrativa testemunhal, como a prática clínica deve comprometer-se a investigar a negritude e as demais interseccionalidades que atravessam o paciente, a fim de construir uma prática voltada à inclusão. A clínica psicológica, enquanto espaço de acolhimento, beneficia-se de uma atuação que transcende o domínio técnico do profissional sobre sua abordagem e evidencia a urgência de interpretar as relações intersubjetivas e transsubjetivas que atravessam o sujeito, sem reduzir sua existência a uma única dimensão. Nesse sentido, o profissional da psicologia que busca ampliar seu entendimento acerca das vivências negras precisa compreender o contexto cultural no qual o indivíduo se expressa. Dessa forma, a compreensão da singularidade do paciente se consolida como uma prática crítica e política. A demanda inicial relatada pelo indivíduo, muitas vezes, não evidencia os aspectos culturais e simbólicos de seu sofrimento. Assim, o sujeito pode não reconhecer de que modo sua própria singularidade é afetada, e permanece, por vezes, alheio às determinações inconscientes e históricas que configuram sua experiência e, por consequência, sem saber de onde provém o seu sofrimento. Desse modo, a prática antirracista na psicologia não se limita à representatividade ou à denúncia das opressões, mas à construção contínua de modos de atuação que promovam visibilidade e acolhimento do sujeito em sua totalidade.

Palavras Chaves: antirracismo; interseccionalidade; clínica psicológica; acolhimento.

²⁵ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: anandafloraribeiro@gmail.com

²⁶ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: julialise.camargo@uel.br

²⁷ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: grazielasoaes.psi@gmail.com

²⁸ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: yukarimayara@gmail.com

²⁹ Professora Associada junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: mairabonafe@uel.br

DA FORMAÇÃO DOCENTE À CLÍNICA: REFLEXÕES SOBRE O LÚDICO EM UMA PSICOLOGIA ANTIRRACISTA

Danilo Mulari Paiva Antonio³⁰

Graziela Soares dos Santos³¹

Ananda Flora de Oliveira Ribeiro³²

Mayara Yukari Ogata³³

Jefferson Olivatto da Silva³⁴

Resumo:

Este trabalho advém das reflexões desenvolvidas em um projeto voltado à formação de professoras da Educação Infantil e anos iniciais, que utiliza a literatura infantil e infantojuvenil afroreferenciadas como eixo para discutir relações étnico-raciais. A partir dos resultados da formação, buscou-se refletir sobre o uso de determinados instrumentos lúdicos, como a literatura, na construção de uma prática antirracista em outros contextos da psicologia, como a clínica. Nesse sentido, a literatura afrocentrada ou negra pode ser um recurso capaz de mobilizar afetos, representações e significados que favorecem a elaboração da trajetória pessoal marcada pelo racismo. Ao convocar o imaginário para confluir a negritude, a literatura pode proporcionar o reconhecimento de si e nós, operando como um dispositivo que busca simbolizar conteúdos inomináveis. No campo clínico, essa mediação revela-se particularmente proveitosa, pois amplia o espaço de escuta, permitindo que o enredo das histórias literárias sirva para constelar as próprias vivências do paciente em novos caminhos possíveis. Preocupar-se com a mediação de sentidos advindos de violências socialmente estruturadas implica em compreender o trabalho psicológico como um espaço também político e cultural, reproduzidor ou emancipador dos significados que sustentam a realidade psíquica. O cuidado, nesse sentido, se constrói no encontro com as singularidades da negritude. Assim, propõe-se que a prática psicológica antirracista não se limite à denúncia das opressões, mas se estenda à criação de dispositivos que, imagetivamente, engendrem a afirmação da negritude, via o uso da linguagem literária como expressão de cuidado e de elaboração.

Palavras Chaves: literatura infantil; psicologia antirracista; negritude.

³⁰ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: psi.danilomulari@gmail.com

³¹ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: grazielasoes.psi@gmail.com

³² Universidade Estadual de Londrina. E-mail: anandafloraribeiro@gmail.com

³³ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: yukarimayara@gmail.com

³⁴ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: jeffolivattosilva@uel.br

ESCRITAS INVISÍVEIS: MULHERES NEGRAS EM PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

Sophia Maria Donato Jachstet³⁵

Ana Letícia Alves Moraes³⁶

Resumo:

A inserção da mulher negra como agente de produção de conhecimento ocorre através da sua vida cotidiana em diversos aspectos, como fontes de saberes em movimento (Santos, 2025). Entretanto, o projeto epistemológico colonial instituiu a visão de que o corpo central para a produção de conhecimento estaria construído em torno da imagem de um corpo de homem branco, cis-heterossexual, advindo de uma classe econômica privilegiada, em detrimento de outros corpos e existências. Em contraponto a esse ideal, como forma de desobediência epistêmica, o presente resumo busca explicitar as dificuldades de mulheres negras em serem validadas no que tange a produção de conhecimento científico e acadêmico. A autora e feminista negra Djamila Ribeiro (2018) e a psicanalista Grada Kilomba (2019), atuam de maneira decolonial ao defender que a discriminação é fruto de um processo social que aponta a diferença do negro, colocando-o num lugar negativo dentro da lógica social. É a partir dessa postura disruptiva contra-hegemônica de mulheres negras, que a possibilidade da consolidação de saberes socialmente subalternos e silenciados é possibilitada. As formas subjetivas da sociedade de validação de grupos dominantes como detentores e responsáveis pela produção de conhecimento, encarceram as visões de mundo e restringem, em especial mulheres negras de ocuparem espaços de poder e discussão. O ambiente institucional acadêmico, por muitas vezes, perpetua lógicas racistas e discriminatórias ao não reconhecer o povo negro como potencial agente de saber. Logo, ainda que vítima de diversos discursos opressores, transpassadas por gênero, classe e raça, a mulher negra é necessária dentro da produção teórico-científica.

Palavras-chave: mulher negra; produção de conhecimento.

Referências

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Steffane Pereira. Pra cê enxergar o que eu vejo, só se tivesse os meus olhos: A produção epistêmica e a epistemologia feminista negra. **Revista Todavia**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 01–12, 2025. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/revistatodavia/article/view/126101>. Acesso em: 10 out. 2025.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.

³⁵ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: sophia.donato@uel.br

³⁶ Mestranda junto à Universidade Estadual de Londrina. Docente da Facnopar. E-mail: alvesmoraes12@gmail.com

ESCUTA ANTIRRACISTA NA PSICOLOGIA CLÍNICA: CLÍNICA EXTRAMUROS A PARTIR DE UM VIÉS INTERSECCIONAL

Louis Spica de Oliveira Macedo³⁷

Maria Fernanda Garcia Miranda³⁸

Marcello Christiano Gorla Junior³⁹

Josilene Aparecida Schimiti⁴⁰

Resumo:

O presente trabalho objetivou lançar luz sobre os atravessamos da colonialidade numa escuta psicológica clínica, fator evidenciado pela presença mínima do debate racial na formação dos profissionais de psicologia (Félix-Silva et al., 2022). Dados obtidos pelo Conselho Federal de Psicologia indicam que a maioria dos profissionais de Psicologia são brancos (CFP, 2022). A branquitude é manifestada no uso de diferentes privilégios historicamente adquiridos, porém sistematicamente omitidos, bem como na desumanização do não-branco (Meireles et al., 2019), podendo ser reproduzidos na clínica psicológica, como na supervalorização do conhecimento eurocêntrico e na apropriação de espaços por pessoas brancas. A Psicologia brasileira constituiu-se historicamente como um campo de saberes e práticas hegemônicas, pensado para pessoas brancas, sustentado por referenciais que invisibilizam outras epistemologias, como as negras e indígenas, desconsiderando a realidade e modos de subjetivação dessas populações (Veiga, 2019). Essa invisibilização implica numa prática clínica que silencia sofrimentos e experiências racializadas, reproduzindo a lógica colonial (Nuñez, 2019). Para que a escuta psicológica chegue até as subjetividades pretas, é necessário adotar como referencial epistemologias decoloniais brasileiras. Buscou-se trazer o viés da Clínica Extramuros (Carvalhaes, 2019) como uma alternativa às práticas psicológicas hegemônicas, extrapolando espaços pré-definidos de pensar e se permitindo experimentar novos modos de escutar, dialogar e agir que produzem movimentos de resistência frente às forças de dominação e controle. Desse modo, entendemos a interseccionalidade como conceito-ferramenta analítica essencial a uma prática contra-hegemônica (Silva et al., 2024), sendo fundamental o letramento decolonial no fazer psicológico em uma Clínica Extramuros.

Palavras-chave: descolonização, interseccionalidade, clínica extramuros.

Referências

CARVALHAES, F. F. Clínica extramuros: decolonizando a psicologia. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 19, n. 216, p. 3–13, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Quem faz a psicologia brasileira?** Um olhar sobre o presente para construir o futuro: formação e inserção no mundo do trabalho. v. 1.

³⁷ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: spicaoliveira@gmail.com

³⁸ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: maria.fernandagm@uel.br

³⁹ Universidade Estadual de Londrina E-mail: marcello.christiano@uel.br

⁴⁰ Professora colaboradora junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise. E-mail: josischimiti@uel.br

Brasília: CFP, 2022. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/12/Censo_psicologia_Vol1_WEB.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.

FÉLIX-SILVA, A. V.; DUQUE, J. P.; SANTOS, J. S. D.; ROCHA, M. B. D.; SEVERO, A. K. D. S. Psicologia da diferença, relações raciais e formação da(o) psicóloga(o). **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, e229977, 2022.

MEIRELES, J.; FELDMANN, M.; CANTARES, T. S.; NOGUEIRA, S. G.; GUZZO, R. S. L. Psicologias brancas e relações étnico-raciais: em busca de formação crítica sobre a branquitude. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 14, n. 3, p. 1–15, 2019. Disponível em: http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/e3181. Acesso em: 10 out. 2025.

NÚÑEZ, G. Descolonização do pensamento psicológico. **Plural: Valorização Profissional em Tempos de ‘Novas’ Práticas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 6–11, 2019.

SILVA, C.; RIBEIRO, D.; GONZAGA, D. Ampliando frestas e possibilidades na formação continuada em Psicologia. **SUL-SUL**, Universidade Federal do Oeste da Bahia, v. 5, n. 1, p. 157–177, 2024.

VEIGA, L. M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 244–248, 2019.

PERSPECTIVAS PARA UMA PSICANÁLISE ANTIRRACISTA: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Josilene Aparecida Schimiti⁴¹

Rafaela Valentini Ortega Ruiz⁴²

Resumo:

Freud concebe a empatia como processo que implica colocar-se no lugar do outro, vinculando-a ao mecanismo de identificação e à escuta analítica (FREUD, 1919; 1921; 1923). Tal conceito torna-se central para pensar o manejo clínico e, de modo mais amplo, para compreender a relação entre psicanálise e as dinâmicas étnico-raciais. Este resumo tem como objetivo a escuta antirracista enquanto operador teórico-clínico capaz de ampliar uma prática psicanalítica comprometida com a desconstrução das estruturas do preconceito e da discriminação racial. Logo, a empatia social, concebida por Freud como defesa contra hostilidade e rivalidade, amplia-se para abarcar o reconhecimento das desigualdades raciais e a necessidade de enfrentamento das formas de exclusão (PAIM; PAIM FILHO, 2023). Argumenta-se que o racismo, ao atravessar as relações sociais e subjetivas, produz efeitos destrutivos e, portanto, exige do psicanalista uma análise crítica de sua própria condição racial e das implicações inconscientes desse posicionamento na clínica. O desafio contemporâneo da psicanálise consiste em superar a invisibilidade histórica do racismo, promovendo debates, produções teóricas e ações institucionais que contribuam para a igualdade. Reconhece-se a urgência da decolonização dos saberes e práticas, articulada a políticas afirmativas e reparatórias, como condição de efetivar uma psicanálise antirracista voltada à transformação social (FANON, 2008). Assim, sustenta-se que a ética do ofício psicanalítico implica compromisso ativo com uma sociedade mais justa, capaz de ressignificar as relações étnico-raciais no horizonte de um outro projeto de humanidade.

Palavras-chave: ética psicanalítica; escuta antirracista; decolonização.

Referências

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA. 2008.

FREUD, S. O inquietante. In. **História de uma neurose infantil (1919)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 8).

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: _____. **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 79-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

⁴¹ Professora colaboradora junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise. E-mail: josischimiti@uel.br

⁴² Universidade Estadual de Londrina. E-mail: rafavalentinirui@gmail.com

FREUD, S. O Eu e o Id (1923). In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 15.

PAIM, A. M.; PAIM FILHO, I. A. **Racismo e psicanálise**: a saída para a grande noite. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2023.

POR UMA PSICOLOGIA ATERRADA: OS TERREIROS COMO TERRITÓRIOS DE CUIDADO E PROMOÇÃO DA SAÚDE MENTAL E INTEGRAL DA POPULAÇÃO NEGRA

Fernanda Alves de Lima⁴³

Marleide Rodrigues da Silva Perrude⁴⁴

Resumo:

Este resumo conta com uma experiência extensionista, na qual ao questionar a acessibilidade dos meios tradicionais de assistência social e saúde, evidencia-se a sobrecarga e o sucateamento dos serviços públicos. Para populações marginalizadas, o acesso é ainda mais limitado. Nesse contexto, as casas de religião de matrizes afro-brasileiras emergem como referências de cuidado integral e espaços de promoção de saúde mental. Como apontam Rocha et al. (2023), historicamente indivíduos recorrem a terreiros diante de doenças, desemprego ou conflitos afetivos, em busca de amparo e resolução. As falas de lideranças nas rodas de conversa realizadas pelo projeto Território em Voz: Racismo Ambiental em Debate da UEL revelam que as demandas que chegam às comunidades de terreiro vão além do espiritual, envolvendo vulnerabilidade alimentar, preconceito e sofrimento psíquico — expressões de uma busca por bem-estar e acolhimento. A principal base teórica utilizada no projeto interdisciplinar à psicologia foi a de Psicologia Aterrada (Santos & Silva, 2018), proposta pelo Laboratório Kitembo, que defende uma psicologia situada no tempo e no espaço, em diálogo com as matrizes culturais brasileiras. Essa perspectiva busca romper com a colonialidade que atravessa o campo acadêmico, propondo práticas conectadas à realidade e às necessidades das comunidades. Assim, a pesquisa é construída de forma horizontal, em que as próprias comunidades pautam os caminhos e metodologias. Trata-se de afirmar, num país marcado pelo racismo estrutural, o compromisso ético-político de uma psicologia aterrada — que reconhece e fortalece os saberes e práticas de cuidado integral desenvolvidos pelas casas de terreiro junto à população negra marginalizada.

Palavras-chave: psicologia aterrada; terreiro; saúde-mental.

REFERÊNCIAS:

ROCHA, M. B. et al. O Cuidado em Saúde Promovido pelas Religiões Afro-Brasileiras. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, 2023. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003222817>

SANTOS, Abrahão de Oliveira; SILVA, Viviane Pereira da. A Pesquisa no Kitembo - pistas para a construção de uma psicologia aterrada. **Arcos Design**, v. 11, n. 1, pp. 7-20, julho 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2018.44056>

⁴³ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: fernanda.alves18@uel.br

⁴⁴ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: perrude@uel.br

PRÁTICAS CULTURAIS ANTIRRACISTAS: O HIP-HOP ENQUANTO MEIO DE REFLEXÃO PARA UMA CLÍNICA AMPLIADA

Giovanna Kawana Lima⁴⁵

Louis Spica de Oliveira Macedo⁴⁶

Roberth Miniguine Tavanti

Resumo:

O racismo estrutural, presente nas relações sociais e institucionais, produz um sofrimento psíquico que atravessa gerações, afetando a subjetividade, o corpo e as relações sociais. Como aponta Souza (1983), o processo de construção da identidade negra no Brasil é marcado por contradições, violências simbólicas e tentativas de embranquecimento que comprometem a constituição do eu e a possibilidade de existir com dignidade. Nesse sentido, o Conselho Federal de Psicologia (2017) propõe uma clínica comprometida, ética e politicamente, com o enfrentamento das opressões e com a escuta sensível do sofrimento produzido pelo racismo. Entende-se que o sofrimento psíquico do sujeito negro não pode ser dissociado das condições históricas e sociais que o produzem, exigindo do psicólogo letramento racial e consciência crítica sobre o lugar que ocupa na reprodução ou no combate às desigualdades. Experiências extensionistas, como o Projeto Freestyle D Rua e a frente Sarauzin da UEL, revelam o potencial emancipatório da arte e da cultura Hip-Hop como estratégias de cuidado. Considera-se a localização e participantes da origem do Hip-Hop, como um movimento de denúncia e resistência de pessoas pretas e periféricas (Hinkel; Maheirie, 2007). As batalhas de rima e as práticas culturais coletivas tornam-se espaços de elaboração simbólica da afetividade, nos quais a palavra e o corpo são instrumentos de reconstrução identitária e fortalecimento comunitário. A clínica antirracista ultrapassa os limites do consultório e se inscreve nos territórios, na escuta e na arte, afirmando uma psicologia que produz saúde mental, reconhecimento e dignidade diante da violência cotidiana de uma sociedade racista.

Palavras-Chave: antirracismo; saúde mental; hip-hop.

Referências

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) em relações raciais**. Brasília: CFP, 2017.

HINKEL, Jaison; MAHEIRIE, Kátia. Rap-rimas afetivas da periferia: reflexões na perspectiva sócio-histórica. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 90-99, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

⁴⁵ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: giovanna.kawana@uel.br

⁴⁶ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: spicaoliveira@gmail.com

TOTTI, Ana Clara; LIMA, Giovanna Kawana; SANTOS, Greiciely Soares dos; BRAGA, Ligia Maria Nascimento; SILVA, Luma Fernandes Garcia da; TAVANTI, Roberth Miniguine; CEDENO, Alejandra Astrid Leon. Por uma psicologia que rima e luta com as juventudes. In: **Anais do II Seminário: Direitos Humanos, Antirracismo e Olhares Transversais nas Políticas Sociais**, 2., 2024. p. 238-247.

QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: ANÁLISE DOS CURRÍCULOS DO CURSO DE PSICOLOGIA DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ

Alice Cristina da Silva Carvalho⁴⁷

Rafael Bianchi Silva⁴⁸

Resumo:

O estudo investigou como as questões étnico-raciais são abordadas nos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) de Psicologia das universidades públicas do Paraná, utilizando a metodologia de análise proposta por Seixas et al. (2013). A pesquisa parte das diretrizes legais da Resolução CNE/CP nº 1/2004, que orienta a inserção da temática étnico-racial no ensino superior, compreendendo os PPCs como documentos formativos que expressam o perfil profissional e o compromisso social da formação em Psicologia. O estudo foi desenvolvido em quatro etapas: identificação da menção à referida resolução; análise das disciplinas oferecidas; verificação de práticas profissionais (como estágios e projetos) relacionadas à temática; e reflexão sobre o grau de integração dessas questões nos currículos. Os resultados indicaram uma presença limitada de discussões étnico-raciais, sendo que apenas um curso abordou explicitamente os processos psicossociais vinculados às desigualdades raciais e ofereceu uma disciplina optativa sobre o tema. Nos demais PPCs, o assunto aparece de forma periférica, restrito a áreas como Antropologia e Sociologia. Tais lacunas corroboram as análises de Schucman (2017), Bento (2002) e Espinha (2017), que evidenciam a persistência de um racismo estrutural e epistêmico na formação em Psicologia, marcado pela centralidade de saberes eurocêtricos e pela invisibilização das relações raciais. Conclui-se que as diretrizes nacionais não têm sido efetivamente incorporadas aos currículos, revelando a necessidade de uma formação crítica que integre a temática étnico-racial de modo estruturante, capacitando os futuros psicólogos a intervirem de maneira fundamentada e crítica nas desigualdades raciais, articulando conhecimento acadêmico, prática profissional e responsabilidade social.

Palavras-chave: étnico-racial; currículo; psicologia.

⁴⁷ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: alice.carvalho@uel.br

⁴⁸ Professor junto ao Departamento de Psicologia Social e Institucional. E-mail: rafael.bianchi@uel.br

QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO RAP: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Josilene Aparecida Schimiti⁴⁹

Karlos Eduardo Orsi Martins⁵⁰

João Victor de Souza Marcelino

Resumo:

O RAP (rima e poesia) desde sua origem, na década de 1970 no Bronx (Nova York), quebra o paradigma elitista-branco da musicalidade, dando voz ao sujeito negro, pobre e marginalizado, historicamente calado. O RAP traz uma nova concepção musical, com rima e poesia pela perspectiva de expressar a voz de enfrentamento denunciante do descaso sócio-político, seu ritmo afro e suas rimas declara a luta cotidiana dos oprimidos. Fanon (1952) discute o silêncio imposto aos negros, sua condição de alienação e apagamento cultural, obrigado a aceitar a cultura colonial. O RAP, como uma arte urbana, rompe com a lógica branca elitista, tornando-se uma voz de resistência. No Brasil, os Racionais resgatam “uma nova subjetividade do sujeito periférico”, aquele morador que sempre sobreviveu à margem da sociedade, sem direito e reconhecimento social, e os MC’S resgatam as vozes excluídas da sociedade e trazem à tona toda a dor de enfrentar um sistema eurocêntrico (D’Andrea, 2013). Esta arte na perspectiva psicanalítica de Freud (1915) compreende o conceito de sublimação enquanto uma vicissitude da pulsão sexual. Nesse sentido, o RAP traz um modo de expressar a pulsão apresentando o ritmo e sonoridade com suas rimas que traduzem as experiências de vida, valores e contextos sociais sem ligação com o erótico. Dessa forma, o RAP propõe uma nova forma de satisfação pulsional, enquanto uma ação criativa que quebra o silêncio do impacto da violência e da opressão racial (Racionais, 2018, p. 27).

Palavras-chave: rap resistência; sujeito periférico; psicanálise.

Referências

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

D’ANDREA, Tiaraju. **A periferia se fez centro**: trajetórias de jovens na metrópole. São Paulo: Editora Annablume, 2013.

RACIONAIS MC’S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, Sigmund. As vicissitudes da pulsão (1915). In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 125-143.

⁴⁹ Professora colaboradora junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise. E-mail: josischimiti@uel.br

⁵⁰ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: kaduorsi8@gmail.com

VIOLÊNCIA E SUBJETIVAÇÃO: ARTICULAÇÕES ENTRE FREUD E FANON

Josilene Aparecida Schimiti⁵¹

Vitor da Silva Gonçalves⁵²

Gabriel Della Colleta Fonseca⁵³

Marcos Hiroki Ida⁵⁴

Resumo:

Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud propõe que o processo civilizatório está essencialmente vinculado à violência, pois a exigência de renúncia da satisfação pulsional constitui uma tensão estrutural entre sujeito e sociedade, e esta abdicação, nunca atingida integralmente, precipita a emergência dos conflitos e do mal-estar. Em *Os condenados da terra* (1961), Fanon aborda o papel central que a violência possui na constituição da subjetividade dos sujeitos e povos vitimados pelo processo colonial, sustentado na *espoliação* material e simbólica do sujeito colonizado. Na perspectiva fanoniana, a violência não se restringe unicamente ao âmbito das pulsões, mas torna-se instrumento de dominação e negação da alteridade. O colonizado, privado de sua cultura e identidade, busca um reconhecimento narcísico impossível, uma vez que sua imagem é mediada pelos sentidos produzidos pelo colonizador. A subjetividade colonizada forma-se, como um espelho distorcido, onde o ódio e a submissão se enlaçam como efeitos traumáticos históricos da colonização. Fanon, vislumbra a possibilidade de reversão dessa dinâmica quando o colonizado reinveste o ódio originalmente dirigido a si mesmo no vetor da dominação, rompendo com a alienação narcísica e reescrevendo sua humanidade no campo simbólico. A articulação entre os textos de Freud (1930) e Fanon (1961) evidencia que a violência é tanto estruturante da civilização quanto elemento fundamental na reconstrução da subjetividade do colonizado.

Palavras-chave: Freud; Fanon; violência; civilização; colonialismo.

Referências:

DANFÁ, L. Violência Civilizacional e Colonial no Olhar de Frantz Fanon e Sigmund Freud. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, p. 2020. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003230245>

FANON, Frantz. Sobre a violência. In: FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p. 27-75.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 496 p.

⁵¹ Professora colaboradora junto ao Departamento de Psicologia e Psicanálise. E-mail: josischimiti@uel.br

⁵² Universidade Estadual de Londrina. E-mail: vitorsgon4@gmail.com

⁵³ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: gabriel.della.colleta@uel.br

⁵⁴ Universidade Estadual de Londrina. E-mail: marcos.hiroki.ida@uel.br